TAMAIN OU NOSSA SENHORA DAS MONTANHAS?

Eraldo Gomes de Oliveira[1]

Festas religiosas na Aldeia Vila de Cimbres

Anualmente os índios Xukuru do Ororubá e os visitantes não índios celebram na Aldeia Vila de Cimbres em Pesqueira/PE, no dia 2 de julho, a festa de Mãe Tamain como chamam os indígenas e nomeada Nossa Senhora das Montanhas pelos visitantes. Cimbres, foi o marco inicial da colonização portuguesa no Agreste de Pernambuco, onde foi instalada em 1661 a missão de Nossa Senhora das Montanhas, na Serra do Ororubá, pelos missionários Oratorianos. A Aldeia de Ararobá, que originou à Vila de Cimbres, foi fundada em 1669. A Igreja de Nossa Senhora das Montanhas foi ali instalada em 1692 e tornou-se a primeira matriz naquela região do Agreste pernambucano.

A Aldeia de Ararobá recebeu dos religiosos o nome de Monte Alegre, entretanto ao ser elevada a categoria de Vila em 1761, recebeu o nome de Cimbres, o qual ainda permanece. Para a Igreja Católica Romana a festa é dedicada a Nossa Senhora das Montanhas. Enquanto os Xukuru do Ororubá festejam a “Mãe Tamain”. (SILVA, 2012, p.25-26).

Distante 18 quilômetros de Pesqueira, a Aldeia Vila de Cimbres é um dos marcos históricos e religiosos dos índios Xukuru do Ororubá. A relação que os habitantes da aldeia possuem com Nossa Senhora das Montanhas expressa muito sobre essa irredutibilidade das imagens a uma única definição. Nossa Senhora das Montanhas é a padroeira da Aldeia Vila de Cimbres. Como afirmam os índios, a imagem ‘foi achada’ em um tempo mítico por indígenas que habitavam a região e por essa razão é tida como uma santa mais poderosa. Para entender as relações dos moradores da aldeia com a santa, é preciso voltar ao mito que narra o momento em que a imagem “foi achada”.

Nas narrativas do mito, a imagem foi encontrada pelos antepassados dos atuais índios Xukuru do Ororubá. Em algumas versões por indiazinhas, em outras por caçadores, que habitavam a região. (LIMA, 2013, p.184; 186). A vida cotidiana

[1] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na UNICAP (Recife/PE). E-mail: oliveiraeraldogomes@gmail.com

em Cimbres é marcada em seu aspecto religioso, não apenas pela presença do templo da Igreja Católica Romana, mas pela existência de lajes (pedras) ao seu redor, tidas pelos índios como sagradas e guardiãs das sete entradas da Aldeia Vila de Cimbres.

A Festa de Mãe Tamain: Nossa Senhora das Montanhas

Após terminar as festividades de São João, chamado *Caô* pelos Xukuru, na noite do dia 24 de junho, começa na Aldeia Vila de Cimbres uma novena para Nossa Senhora das Montanhas. Durante nove dias todas as noites, os Xukuru e os poucos não índios que residem na Aldeia, rezam um terço chamado de 'Terço de Nossa Senhora'. Este ritual faz a passagem de uma festa à outra, unindo-as como se fosse uma só festa.

No dia 1 de julho em torno das 15 horas, apenas os moradores da Vila se reúnem para a "busca da lenha" na Caatinga, distante aproximadamente um quilometro e meio, em direção à Aldeia Sucupira. A disputa por uma tora de madeira é grande, as pessoas procuram as mais pesadas. Com a bandeira da santa à frente, voltam em procissão, a fim de formar a fogueira em frente a igreja em homenagem a Mãe Tamain. Além desta fogueira maior, Aldeia fica tomada de pequenas fogueiras em frente às casas. Às 19 horas todas são acesas e o sino da igreja chamam as pessoas para rezar o terço e depois assistir a missa. No fim da celebração tem início uma dança que dura toda noite.

Logo pela manhã do dia 2 de julho, bacamarteiros dão tiros anunciando a chegada dos Xukuru de outras aldeias, que se dirigem ao Centro Social São Miguel, onde vestem o Tacó (vestimenta de palha tradicional Xukuru) e se pintam para a festa. Dançam o Toré até as 10 horas da manhã, quando seguem em fila indiana até a Igreja. Lá alguns Xukuru se colocam em pé, no altar, e outros ocupam o corredor e as laterais da Igreja, inicia-se então a missa.

No término da missa, o celebrante pede 'vivas' a Nossa Senhora das Montanhas, retirando-se de imediato com o pároco. Os não índios também saem da Igreja, em sinal de respeito, por ser esta hora o ritual dos Xukuru, "como manda a tradição". Começa o ritual dentro da Igreja, os índios dançam o Toré em volta dos bancos, acompanhados pelo "bacurau", com a maraca e pelo Mestre de Gaita tocando o Memby, os Xukuru pedem vivas a Mãe Tamain, ao Senhor São João e ao

Cacique “Xicão”. Cerca de uma hora depois, saem e dançam em ziguezague na calçada defronte da Igreja e depois seguem em fila para o Centro Social São Miguel. (NEVES, 1999, p.61-64).

Chegando ao Centro Social São Miguel, continuam cantando, dançando e recebendo os espíritos dos antepassados. Eis alguns dos cantos entoados pelos Xukuru do Ororubá naquele momento:

Nossa Senhora das Montanhas,
É uma Santa de valor!
Quem achou nas matas
Foi um índio caçador

Caboquinho, daonde tu vem Caboquingno?
Eu venho da Pedra do Rei do Orubá.
Caboquinho, vem cá Caboquinho.
Vem beber Jurema, vem trabalhar.

Às três horas da tarde, os Xukuru do Ororubá se dirigem novamente a Igreja quando se preparam para a procissão. A imagem de Mãe Tamain/ Nossa Senhora das Montanhas é colocada em cima do andar enfeitado com muitas flores, os índios o tomam no ombro e saem da Igreja. (PALITOT, 2003, p.51-59). Apenas os índios Xukuru têm o direito de carregar o andar e tocar a imagem da santa durante a procissão.

O Cacique e o Mestre da Gaita se posicionam à frente do andor. Fogos de artifícios são estourados, assim como os bacamarteiros dão salvas de tiros para louvar Mãe Tamain. O cortejo segue por toda a Aldeia e seus arredores. A gaita e a zabumba tocam, nesse primeiro grupo, que segura o andor. Logo atrás seguem, entoando canções católicas, os não índios da região devotos de Nossa Senhora das Montanhas e o padre. No final da procissão, os Xukuru do Ororubá distribuem os ramos e flores que enfeitavam o andor junto aos devotos e recolocam a imagem de Nossa Senhora das Montanhas de volta ao altar no interior da Igreja. Por fim, no retorno á calçada da igreja, o padre e algumas lideranças indígenas discursam. A festa se encerra com o discurso do Cacique e a volta da imagem de Mãe Tamain seu local de origem. (NEVES, 2005, p. 158).

Nascido e criado na Aldeia Vila de Cimbres, um poeta Xukuru (2016, p. 21), assim descreveu a: “festa de Nossa mãe Tamain” // 1 e 2 de julho Cimbres fica pequenina / É a festa da padroeira, a nossa mãe Tamainha; // Nossa senhor das Montanhas, / mãe do povo do ORUBÁ, / Santa mãe protetora igual a ela não há; / Que nos cobre com seu manto, E está sempre a nos livrar; / De todos os perigos, quando meus inimigos, / Vieram me afrontar.

As pessoas voltarão para as suas casas nas diversas aldeias localizadas no território indígena. Os Xukuru retiram a vestimenta e se preparam para o retorno às aldeias. Sobre a tradição que só os Xukuru têm direito de carregar o andor e tocar na imagem durante a procissão, segundo Silva (2008, p. 143), esse 'monopólio' sempre foi motivo de questionamentos e conflitos com as autoridades religiosas dirigentes dos festejos. A imagem cristã tornou-se um símbolo para os Xukuru do Ororubá que, em torno dela, "reconstruiu nexos sociais e culturais", o mesmo ocorrendo mais tarde com as devoções a outros santos do universo católico romano. Os índios apropriaram-se dos símbolos coloniais religiosos dando-lhes também um significado para sua organização e mobilização, expressas nos momentos de cultos públicos. (SILVA, 2002, p. 358-359).

Os Xukuru do Ororubá

O povo indígena Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção) habita um conjunto de montanhas, com uma altitude aproximada de 1.125 metros, conhecido como Serra do Ororubá, no estado de Pernambuco. Com 27.555 mil hectares de terras oficialmente demarcadas, correspondendo atualmente a 95% ocupada pelos indígenas. Os Xukuru estão situados no agreste pernambucano, limitando-se ao Norte com o município de Porção e com o estado da Paraíba; ao Sul com Mimoso; ao Leste com a cidade de Pesqueira e a Oeste com o município de Arcoverde.

O território indígena estar situado em meio a uma região semiárida é ordenada, segundo os Xukuru, em três regiões, sendo a primeira a Ribeira (do intermitente rio Ipojuca), englobando as aldeias em uma área mais seca no território, a exemplo da Aldeia Pé de Serra; a Serra, onde existe maior umidade, e consequentemente melhor produção agrícola, como em Pedra d'Água; e o Agreste, mais seco e frio, polarizado pela Vila de Cimbres. (OLIVEIRA, 2014, p. 21-22). É uma região que dispõe de uma grande açude e rios, como Ipanema e Ipojuca que cortam a terra Indígena, abastecendo também em época de seca a cidade de Pesqueira Localizada ao pé da Serra do Ororubá.

Em 2013 a população indígena foi contabilizada em 12.000 pessoas, residentes nas 24 aldeias e em bairros na área urbana de Pesqueira. Um dos aspectos importantes da cosmologia Xukuru do Ororubá, refere-se à forma como se relacionam com o sagrado um aspecto simbólico de grande importância para o

grupo. A crença na natureza sagrada faz com que os indígenas realizem rituais, chamados de pajelança, nas matas, nos lajedos e nos olhos d'água, por considerarem esses locais o espaço onde os caboclos e encantados estão presentes. Os lajedos são importantes para os Xukuru do Ororubá, estes são grandes pedras lisas onde se realizam rituais. Além desses lajedos os indígenas consideram importantes algumas pedras especiais que são locais de presença dos espíritos encantados.

Referências

LIMA, Clarissa de Paula Martins. **Corpos Abertos***:* sobre enfeites e objetos na Vila de Cimbres (T.I. Xukuru do Ororubá). 2013. 225f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

NEVES, Rita de Cássia Maria. **Dramas e performace**: o processo de reelaboração étnica Xukuru nos rituais, festas e conflitos. 2005. 251f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

NEVES, Rita de Cássia Maria. **Festas e mitos***:* identidades na Vila de Cimbres-PE. 1999. 176f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

OLIVEIRA, Kelly Emanuelly de. **Guerreiros do Ororubá***:* o processo de organização política e elaboração simbólica do povo indígena Xukuru. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014.

PALITOT, Estêvão Martins. **Tamain chamou nosso Cacique***:* a morte do Cacique Xicão e a (re) construção da identidade entre os Xukuru do Ororubá. 2003. 118f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, Edson. **O diálogo inter-religioso**: uma resposta aos fundamentalismos. Diálogo: Revista de ensino Religioso. São Paulo, n. 65, p. 25-26, fev./abr. 2012.

SILVA, Edson. Nossa Mãe Tamain: religião, reelaboração cultural e resistência indígena: o caso dos Xukuru do Ororubá (PE). In: BRANDÃO, Silvana. (Org.). **História das religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 347-362 (V. 2).

SILVA, Edson. **Xukuru***:* memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988. 2008. 300f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

XUKURU, Bibi. **Xukuru do Ororubá***:* a luta não vai parar... Poesia que nos ensina. Pesqueira: s.e., 2016.